

RELATÓRIO DE GESTÃO
EMBAIXADA DO BRASIL JUNTO À REPÚBLICA DA COREIA
EMBAIXADOR EDMUNDO FUJITA

Ao término de 6 anos e meio à frente da Embaixada do Brasil na Coreia do Sul (abr. 2009 a set. 2015), é com a satisfação do dever cumprido e o sentimento de realização profissional que preparo o presente relatório de gestão. Tive muita satisfação profissional, bem como familiar e pessoal, no convívio com a sociedade coreana e nas visitas às diversas regiões deste país, quando tive oportunidades de conhecer as qualidades deste extraordinário povo. Em realidade, até cerca de 2007-2008, a Coreia do Sul praticamente não fazia parte de nosso horizonte político, econômico ou cultural, em comparação com o Japão ou a China, nossos parceiros na Ásia há muito tempo. Mas a partir da crise financeira global de 2007-2008, quando nossos parceiros tradicionais da Europa e os Estados Unidos entraram em processo de estagnação, a busca mútua por novas parcerias alterou bastante as molduras geoeconômicas tanto da Coreia do Sul quanto do Brasil. O comércio bilateral se elevou de cerca de 5 bilhões de dólares pré-crise para a casa dos 15 bilhões de dólares, e os investimentos coreanos estão entre os 15 maiores no Brasil.

A Coreia do Sul é um país admirável, que em 1953, ao final da Guerra da Coreia, estava entre os países mais pobres do mundo e hoje já é a 13ª economia global. Até 1961, ela era menos desenvolvida do que a Coreia do Norte, onde haviam se concentrado os investimentos japoneses no período colonial (1910-1945) e hoje seu PNB é 80 vezes maior. O esforço de desenvolvimento começou em 1963, sob a direção do General Park Chung-hee, pai da atual presidente Park Geun-hye, que impôs um forte regime autoritário até 1979, quando foi assassinado por um assessor. A criação de sua indústria automobilística seguiu um modelo fortemente nacionalista, estando hoje marcas como Hyundai Motors, Kia e Daewoo entre os nomes globalmente conhecidos. A indústria pesada e de base moldou-se igualmente em modelos nacionalistas, sendo a Siderúrgica POSCO a 6ª maior do mundo e a maior compradora individual de minério de ferro da Vale do Rio Doce. O general Park incentivou sobretudo o fortalecimento dos grandes "chaebols" coreanos, grupos econômicos modelados nos "zaibatsu" japoneses de antes da 2ª Guerra e frequentemente controlados por famílias particulares. Enfim, a meta coreana era igualar-se e ultrapassar os rivais japoneses, sendo que hoje a Samsung domina o comércio mundial de telefones celulares e ultrapassou a Sony em eletrônica doméstica.

Quando cheguei ao posto, a Embaixada contava com o apoio de apenas um diplomata e um assistente de chancelaria. Graças aos esforços de aumento de lotação apoiados pela SERE, hoje temos quatro diplomatas, uma Oficial de Chancelaria, um Agente Administrativo, além de duas vagas - não ocupadas no momento - de Assistentes de Chancelaria. As áreas de atuação da Embaixada se diversificaram e temos um setor de Ciência e Tecnologia a que dei grande prioridade e chegou em certo momento a ocupar mais de 60% dos trabalhos, juntamente com o setor de cooperação educacional, que cuida especificamente do programa Ciência sem Fronteiras, ao lado dos setores tradicionais como Econômico, Político, SECOM, Cultural, Comunicações, Consular e Assistência a Brasileiros. De 2009 a 2014 verificou-se uma grande procura pelo apoio da Embaixada a oportunidades de comércio e investimentos no Brasil, que se

arrefeceu um pouco este ano em virtude das situações internas no Brasil e na própria Coreia (naufrágio do navio Sewol com mais de 350 jovens estudantes em 2014 e a epidemia de MERS em 2015). Mas o relacionamento político e econômico segue bastante harmonioso, como provam a visita oficial da presidente PARK Geun-hye ao Brasil e a troca de numerosas missões empresariais.

O tema que me deu maior satisfação foi a receptividade coreana ao programa CsF, tendo a Embaixada tomado a iniciativa de propor às empresas de alto porte como Hyundai Motors e Samsung a abertura de vagas de estagiários aos bolsistas brasileiros. Ao propor ao presidente do Hyundai Motor Group, Chung Mong-koo, essa possibilidade, ele não apenas ofereceu vagas para 50 estágios nas empresas de seu grupo, como também alocou a soma de 500 mil dólares para financiar bolsistas brasileiros. Hoje, há vagas praticamente para todos os bolsistas do CsF nas grandes empresas como Samsung, LG, Grupo SK, POSCO e médias empresas de tecnologias avançadas, sempre sob avaliação da Embaixada acerca de sua relevância para o CsF. O intercâmbio científico e tecnológico também cresceu com o apoio da Embaixada, tendo sido realizados na Coreia a I e a III reuniões da Comissão Conjunta Científica e Tecnológica entre os dois Governos. O setor cultural realizou igualmente grandes progressos, tendo a Embaixada copatrocinado a vinda de conhecidos artistas e acadêmicos brasileiros e a do chef de cuisine Alex Atala ao Festival Culinário de Seul. Além disso, a Embaixada promoveu a recepção "Seoul of Brazil" para celebrar o 50º Aniversário da imigração coreana ao Brasil.

Os setores econômico e político continuaram atuantes, com ótimos relatórios e telegramas sobre a situação coreana e o consular teve sua procura aumentada com o crescimento do comércio e investimento bilateral. O setor de assistência a brasileiros também foi muito solicitado pelos familiares de bolsistas e expatriados brasileiros, devendo hoje haver cerca de mil brasileiros no país.

Por sugestão da Embaixada, foram nomeados também dois cônsules honorários, um em Busan, maior centro portuário, e o outro em Incheon, principal centro aéreo da Coreia. Os cônsules honorários, sra. Jeong-Eun Hyun, presidente da Hyundai Corporation (diferente da Hyundai Motors) e o Sr. Shinwon Choi (presidente da empresa SK Chemical) foram selecionados com a aprovação da SERE e têm contribuído muito em aliviar os serviços consulares no Sul e Noroeste do país, além de introduzirem à Embaixada muitas personalidades das sociedades locais.

Um elemento importante de apoio aos trabalhos da Embaixada foi a criação do Centro Cultural Brasileiro, em parceria com a empresa Doosan Infracore e a Universidade Nacional de Seul. Como co-presidentes do Centro, nomeamos de comum acordo a brasileira Leda Kim, pianista radicada na Coreia há mais de 20 anos e conhecedora de numerosos artistas no país, que tem dado grande contribuição às atividades da Embaixada.

Por fim, não posso esquecer de registrar a criação da Adidância de Defesa na Embaixada, cuja relevância chamei a atenção da SERE e do Ministério da Defesa desde 2010. Seu primeiro titular, coronel do exército Frederico Pinto Sampaio é pessoa jovem e muito motivada, cooperando com as discussões na Embaixada acerca do quadro geoestratégico da região e a importância da indústria tecnológica militar coreana.

Assim, deixo o posto bem equipado em recursos humanos para meu sucessor, a quem desejo ter a mesma satisfação e realização neste admirável país. A tendência aponta para o estreitamento e aprofundamento cada vez maior das relações entre o Brasil e a Coreia do Sul, cabendo à Embaixada um papel axial na sua estruturação.

Seguem, abaixo, levantamentos das principais atividades realizadas/observadas pelos diferentes setores da Embaixada no período de 2009 a 2015.

RELAÇÕES POLÍTICAS BILATERAIS

De 2009 a 2015, as relações entre Brasil e Coreia do Sul tornaram-se progressivamente mais intensas e mais maduras, ao mesmo tempo em que mantiveram seu caráter de harmonia e cordialidade e a ausência de fricções políticas. Comenta-se, a seguir, alguns dos marcos das relações bilaterais nesse período, em ordem cronológica:

- Abertura da Embaixada do Brasil na República Popular Democrática da Coreia (RPDC), em maio de 2009. O Brasil é o único país latino-americano que mantém Embaixadas residentes em Seul e em Pyongyang. O novo patamar das relações diplomáticas com a RPDC é fator de aproximação também com a Coreia do Sul, na medida em que o Brasil reforça seu status de observador atento e, ao mesmo tempo, imparcial das relações intercoreanas, credenciando o país como interlocutor capaz de contribuir para o diálogo construtivo entre Seul e Pyongyang. A manutenção de Embaixadas nas duas capitais da península transmite a mensagem de que o Brasil considera que as duas Coreias devem ser protagonistas do processo de reconciliação e da busca da paz e estabilidade, sem prejuízo das negociações no âmbito do Grupo Hexapartite;
- Encontro bilateral entre os então Presidentes Lula da Silva e Lee Myung-bak à margem da Cúpula do G-20, em Seul, em novembro de 2010. Na ocasião, Dilma Rousseff participou do encontro do G-20, ao lado do PR Lula, como Presidente eleita;
- Visita do então Primeiro-Ministro Kim Hwang-sik, para participar das cerimônias da posse da Presidenta Dilma Rousseff (jan/2011);
- Visita do Vice-Presidente da República, Michel Temer, para chefiar a delegação brasileira na II Cúpula de Segurança Nuclear (Seul, mar/2012), ocasião em que manteve encontro bilateral com o então Primeiro-Ministro Kim Hwang-sik;
- Visita ao Brasil do então Ministro dos Negócios Estrangeiros e Comércio, Kim Sung-hwan, em maio de 2012, ocasião em que manteve encontro com o então Chanceler Antonio Patriota. Na oportunidade, foi firmado Memorando de Entendimento entre o Instituto Rio Branco e a Academia Diplomática Nacional da Coreia do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia sobre cooperação mútua para o treinamento de diplomatas;
- Visita do então Presidente Lee Myung-bak, para participar da Conferência Rio+20 (RJ, Jun/2012);
- Abertura da Adidância Militar do Brasil na Coreia do Sul, em 1º de julho de 2014;

- Visita do Vice-Ministro das Relações Exteriores, Cho Taeyul, ocasião em que manteve encontro com o Sr. Secretário-Geral (Dez/2014);

- Visita de Estado da Presidente Park Geun-hye ao Brasil (24-25/abr/2015). A PR Park realizou, de 16 a 26 de abril do corrente, périplo pela América do Sul, que incluiu visitas à Colômbia, ao Peru, ao Chile e ao Brasil. A viagem foi considerada exitosa e um marco na diplomacia presidencial da Coreia do Sul. A PR fez-se acompanhar por 125 representantes de empresas públicas e privadas, maior delegação empresarial a participar de uma visita presidencial. Em Brasília, a programação da Presidente incluiu reunião de trabalho com a Sra. PR, no Palácio do Planalto, da qual participaram, do lado brasileiro, quatro Ministros de Estado e um Secretário-Executivo; do lado sul-coreano, participaram três Ministros de Estado, Secretários Sêniores e um Vice-Ministro. Foram assinados, após o encontro, dez instrumentos bilaterais. Em São Paulo, a PR Park foi recebida pelo Presidente da FIESP, Paulo Skaf, pronunciou discurso no encerramento do Fórum de Negócios Brasil-Coreia e encontrou-se com representantes da comunidade coreano-descendente.

POLÍTICA INTERNA

Durante o período de 2009 a 2015, um dos acontecimentos mais marcantes no âmbito político doméstico da Coreia do Sul foram as eleições, em dezembro de 2012, que levaram ao poder, em 25 de fevereiro de 2013, a Presidente Park Geun-hye, sucessora do Presidente Lee Myung-bak (2008- 2013), ambos do Partido conservador Saenuri. Primeira mulher a exercer o cargo de líder máxima da Coreia do Sul, Park é filha do Ex-Presidente Park Chung-hee, que, entre 1961 e 1979, governou ditatorialmente o país, apesar de também ser considerado por muitos o promotor de sua rápida industrialização e modernização educacional.

O Governo da Presidente, que já completou metade de seu mandato, passou por duas renúncias de Primeiro-Ministro, sendo uma delas motivada pela tragédia do naufrágio da barca Sewol (Ex-PM Chung Hong-won) e outra por escândalo de corrupção (Ex-PM Lee Kwan-Koo). No primeiro caso, Park teve sua imagem arranhada pela dificuldade de designar novo nome que gozasse de boa reputação e fosse capaz de liderar processo de reformas institucionais. O segundo caso seguiu-se a escândalo de corrupção, após o suicídio, em 9 de abril de 2014, do empresário Sung Wan-jong, que deixou carta com "lista de suborno", que incluiria importantes nomes do Partido Saenuri, muitos deles próximos à Presidente, incluindo o PM Lee Kwankoo.

POLÍTICA EXTERNA

A Coreia do Sul vem adotando, nos últimos anos, postura cada vez mais proativa no cenário global, procurando ampliar sua participação em foros multilaterais e deixando de centrar-se, como fazia anteriormente, apenas no impasse com a Coreia do Norte, na aliança com os EUA, e nas relações com Japão e China. Especialmente após o início do Governo Park, a Coreia do Sul tem buscado atuar de maneira propositiva em sua política externa, buscando promover iniciativas inovadoras, a fim de aumentar a visibilidade do país na arena internacional.

As principais visitas realizadas pela Presidente foram aos Estados Unidos (primeira visita da PR, maio/2013), à China (jun/2013), à Rússia (G-20, set/2013), visita

de Estado ao Vietnã (set/2013), Filipinas e Indonésia (APEC e ASEAN+3, out/2013), Suíça (Davos, jan/2014) e Índia (jan/2014), Holanda e Alemanha (Dresden, abril/2014), Canadá (set/2014), Itália (ASEM, out/2014), China, Myanmar e Austrália (APEC e G-20, nov/2014) e périplos pela Europa (nov/2013), Ásia Central (jun/2014), Países do Golfo (mar/2015) e América Latina (abr/2015).

RELAÇÕES INTERCOREANAS

Em 17 de dezembro de 2011, faleceu o "segundo Líder Supremo" da RPDC, Kim Jong-il, e seu filho mais novo, Kim Jong-un, assumiu a liderança do país. Tendo em vista a inexperiência e a personalidade errática do jovem, a sucessão agregou imprevisibilidade ao futuro das relações entre as Coreias e à possibilidade de reunificação dos países no curto ou médio prazo.

Em dezembro de 2012, a RPDC realizou lançamento bem-sucedido de satélite científico de observação da Terra. O episódio gerou escalada de tensões que estendeu-se por quase todo o ano de 2013, em um dos piores momentos das relações intercoreanas. O lançamento violou resolução da ONU que proíbe a Coreia do Norte de realizar testes de mísseis balísticos, mesma tecnologia usada para lançar satélites.

A Presidente Park Geun-hye enfatizou, em seu discurso de posse, que não toleraria nenhuma ameaça à segurança do país e da população, exortando a Coreia do Norte a abandonar suas ambições nucleares e missílisticas e a agir de forma responsável em favor de seu próprio povo. Declarou, por outro lado, que seu governo se engajará em processo de fortalecimento de confiança de modo a criar um clima de paz e unificação harmônica da Península.

Em 4 de agosto de 2015, Seul retomou, após 11 anos, a transmissão de propaganda anti-Pyongyang por meio de altofalantes militares, em retaliação à explosão de minas terrestres na Zona Desmilitarizada que feriram gravemente dois sargentos sul-coreanos. A Coreia do Sul acredita que soldados norte-coreanos teriam atravessado a Linha de Demarcação Militar (LDM) e instalado os artefatos. No dia 20 de agosto, o Norte teria disparado tiros de artilharia para atingir os alto-falantes, o que teria ocasionado troca de tiros na faixa de fronteira. De 22 a 24 de agosto, foi realizado diálogo de alto nível, por meio do qual foi possível chegar a um acordo que pôs fim às hostilidades. As partes concordaram, ainda, em realizar diálogo oficial, em Seul ou em Pyongyang, em data próxima, e reunião de trabalho com vistas a preparar encontro das famílias separadas entre o Norte e o Sul.

Após alguns adiamentos e em meio a ameaças de lançamento de satélite por ocasião do 70º aniversário de fundação do Partido dos Trabalhadores da RPDC (10 de outubro), o encontro familiar foi realizado com êxito. 186 famílias separadas entre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte encontraram-se, entre 20 e 26 de outubro, em estância turística situada no Monte Kumgang, na costa leste da Península, a poucos quilômetros ao norte da Zona Desmilitarizada que separa os dois países.

RELAÇÕES COM O JAPÃO

As relações da Coreia do Sul com o Japão atravessaram período de distensão nos últimos anos, em razão de pendências que remontam ao período de colonização da

Península Coreana pelo Império japonês (1910-1945). Podem ser elencados como principais elementos de discórdia entre os dois países: a) o recrudescimento da disputa pela posse das ilhotas Dokdo (Takeshima, para o Japão); b) a questão das chamadas "comfort women", mulheres que foram escravizadas sexualmente por forças militares japonesas; e c) a reinterpretação do Artigo 9º da Constituição japonesa, que visa a expandir o direito de defesa do Japão, permitindo que o país exerça atividade beligerante coletiva.

A eleição, em 2012, e re-eleição, em 2014, de Shinzo Abe ao cargo de Primeiro-Ministro do Japão, pode ser considerada como fator adicional de desconfiança, por parte de Seul, a respeito da sinceridade das demonstrações de arrependimento por parte do Japão em relação aos crimes de guerra. Político da direita nacionalista, Abe é ligado a grupo revisionista que defende a reinterpretação da participação do Japão na Segunda Guerra Mundial, tendo defendido em diversas ocasiões posições opostas às demandas da Coreia do Sul (e da China) de reconhecimento dos erros do país e de pedido de desculpas às vítimas da ocupação japonesa na Península Coreana. Gesto de Abe fortemente criticado pelos sul-coreanos (e pelos chineses) foi sua visita, em dezembro de 2013, ao Templo Yasukuni, local onde se presta homenagem à memória de indivíduos considerados criminosos de guerra do Japão.

O aguardado discurso do PM Abe por ocasião dos 70 anos do final da Segunda Guerra foi proferido, como previsto, no dia 14 de agosto último, e ocasionou reações variadas da imprensa e da comunidade internacional. Se, por um lado, Abe reafirmou a validade das declarações prévias que apresentam desculpas por parte do Governo japonês pelos crimes de guerra, por outro, expressou o esgotamento do Japão em desculpar-se indefinidamente por erros pelos quais a sociedade japonesa atual não é responsável. De toda maneira, a Presidente Park, em seu discurso em comemoração ao dia da Independência da Coreia, referiu-se positivamente ao pronunciamento de Abe, o que permite que se espere ao menos uma discreta melhora nas relações bilaterais entre os vizinhos.

No dia 2 de novembro último, Park e Abe mantiveram seu primeiro encontro bilateral, em Seul, à margem do diálogo trilateral entre Coreia do Sul, China e Japão, realizado na véspera. Apesar de não ter alcançado resultados concretos, a mera realização da cúpula bilateral foi comemorada pela imprensa e por especialistas nas relações nipo-sul-coreanas. O encontro foi visto como marco para a normalização das relações estremecidas e abriu caminho para o aprofundamento dos laços entre os dois países. Durante a reunião, os dois líderes concordaram em acelerar negociações com vistas a uma rápida solução para o problema das "comfort women". Seul exige pedido sincero de desculpas às vítimas e indenização pelos danos causados.

NOVAS INICIATIVAS EM POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO PARK

Dentre as iniciativas do Governo Park em política externa, mereceria ser destacado o "MIKTA", um agrupamento informal das autodenominadas "potências médias", que reúne México, Indonésia, Coreia do Sul, Turquia e Austrália com o objetivo de fortalecer os laços bilaterais, impulsionar a cooperação entre os cinco países e promover a coordenação de posições em temas globais de interesse comum. Desde setembro de 2014, quando a Coreia assumiu a coordenação do grupo, foram realizadas a III e a IV Reunião de Chanceleres do "MIKTA", à margem da 69ª Assembleia Geral da

ONU, em Nova York, e da Reunião de Cúpula do G20, em Brisbane. Nota-se grande esforço da Coreia do Sul de dotar o MIKTA de particular relevância política. O fortalecimento e o amadurecimento do grupo poderia dar às cinco "potências médias" que o integram maior capacidade de interlocução com as grandes potências em temas globais.

COMÉRCIO E INVESTIMENTOS

Apesar das dificuldades impostas pelo cenário econômico global, as relações econômico-comerciais entre Brasil e Coreia do Sul continuaram a se expandir de forma extremamente dinâmica nos últimos anos. A Coreia consolidou, em 2014, sua posição como 3º principal parceiro comercial do Brasil na Ásia do Leste (atrás da China e do Japão) e o 7º em nível global (12º maior destino de exportações brasileiras e 6ª fonte de importações - dados de 2014), se comparado à 12ª posição global que ocupava em 2008. O comércio bilateral tem-se intensificado, porém com sucessivos déficits para o Brasil (saldos negativos de US\$ 5,4 bilhões em 2011, US\$ 4,6 bilhões em 2012, US\$ 4,8 bilhões em 2013 e US\$ 4,7 bilhões em 2014) e disparidade de valor agregado na pauta comercial, com concentração de nossa pauta exportadora em produtos básicos (75,7% em 2014) e a quase totalidade das importações em produtos manufaturados (99,97% em 2014). Entre 2009 e 2014, o intercâmbio comercial brasileiro com o país cresceu 65,3%, passando de US\$ 7,5 bi, para US\$ 12,4 bi, com alta de 44% nas exportações e de 77,1% nas importações.

As exportações brasileiras têm-se concentrado em segmentos de menor valor agregado (principalmente minério de ferro; cereais - soja, milho e café; ferro e aço; carne de frango), enquanto as importações em produtos de mais alto valor agregado (máquinas elétricas; eletrodomésticos; memórias digitais; automóveis; motores; autopeças; máquinas mecânicas; combustíveis). O tema da necessidade de diversificação da pauta exportadora brasileira para a Coreia, na direção de produtos de maior valor agregado, tem sido reiteradamente apontado ao lado coreano em encontros e reuniões bilaterais. O mercado sul-coreano permanece fechado às exportações brasileiras de carne suína e bovina, em razão de barreiras sanitárias alegadamente referentes à febre aftosa.

No que se refere a investimentos, segundo dados do BACEN, a Coreia foi o 15º investidor no Brasil em 2013 (US\$ 875 milhões, ou 1,4% do fluxo de IED ao País). De acordo com estimativas da KOTRA (Korean Trade-Investment Promotion Agency), a Coreia mantém no Brasil, com a presença de mais de 400 empresas instaladas, estoque de cerca de US\$ 6 bilhões em investimentos diretos, direcionados, sobretudo, para os setores de semicondutores, eletroeletrônico, automobilístico, siderúrgico, ferroviário, de construção civil e de construção naval para o setor petrolífero. A Coreia detém uma das tecnologias mais avançadas do mundo na área de prospecção de petróleo em águas profundas e, nessa condição, ocupa papel importante para a exploração do pré-sal. De uma maneira geral, a Coreia do Sul encontra-se em posição privilegiada, devido a seu know-how em diversas áreas, para participar de oportunidades de investimentos em projetos de infraestrutura no Brasil.

Atuam no Brasil, dentre outras, as empresas Hyundai/KIA (setor automobilístico); Samsung e LG Electronics (eletrônicos); CJ (químicos); Hyosung (látex); Korean Air (setor aéreo); Mirae e Samsung Fire & Marine (seguros); KDB,

KEB e Woori (setor bancário); Doosan Infracore e Samsung Heavy Industries (máquinas pesadas); e SK Energy (petroleira). A POSCO, maior siderúrgica da Coreia do Sul, formou em 2011 uma joint venture com a Vale e a sul-coreana Dongkuk (3ª empresa do setor na Coreia) para a construção da Companhia Siderúrgica do Pecém, localizada no Complexo industrial e Portuário do Pecém, na região metropolitana de Fortaleza-CE. Quando entrar em funcionamento, tentativamente no fim de 2015 ou início de 2016, a CSP deverá produzir, por ano, cerca de 3 milhões de toneladas de placas de aço de alta qualidade metalúrgica.

Em abril último foi lançada a pedra fundamental da fábrica de trens de passageiros da Hyundai Rotem em Araraquara (SP). A construção da planta, anunciada em novembro de 2014 e com inauguração prevista para março de 2016, se enquadra na estratégia da empresa de suprir o mercado brasileiro e expandir seus negócios na América Latina. Trata-se do primeiro empreendimento da Hyundai Rotem na região e o terceiro fora da Coreia. A empresa investirá aproximadamente US\$ 40 milhões na fábrica de Araraquara, que terá capacidade de produzir até 200 carros por ano. Prevê-se a criação de 400 postos de emprego.

Do lado brasileiro, não há ainda investimento significativo na Coreia do Sul, mas existem perspectivas favoráveis em setores como o de software, onde há oportunidade de formação de joint-ventures entre empresas brasileiras e sul-coreanas. Têm presença na Coreia a Vale, com escritório de representação em Seul e participação de 25% na Korea Niquel Corporation, refinaria autônoma de níquel localizada na cidade de Onsan, no sudeste da península coreana; a LATAM Airlines Group e a GOL Linhas Aéreas Inteligentes, por meio de escritórios de representação (GSA - General Sales Agent); a AmBev (AB InBev), controladora da principal cervejaria coreana, a Oriental Brewery, cujo CEO, desde novembro de 2014, é o brasileiro Frederico Freire; e a H.Stern, com três boutiques em áreas nobres de Seul. Observo que o Banco do Brasil e a BRF S.A. fecharam seus escritórios de representação nesta capital no primeiro semestre de 2015. A atuação das duas organizações neste país se dá, atualmente, a partir de suas unidades no Japão, às quais, de toda forma, os escritórios em Seul estavam subordinados anteriormente.

Não há propriamente ainda, neste país, uma câmara de comércio binacional com o Brasil, a exemplo daquelas que a Coreia há muito tempo mantém com parceiros comerciais tradicionais como Estados Unidos, Japão, China e Rússia. No entanto, os empresários coreanos interessados no mercado brasileiro rapidamente começam a se organizar no âmbito de diferentes associações. Atualmente, a Sociedade Coreia-Brasil (KOBRA) presidida pelo Cônsul-Honorário do Brasil em Incheon, Senhor Choi Shin-won, desempenha o papel que mais se assemelha ao de uma câmara de comércio. A KOBRA tem sido parceira inestimável da Embaixada em diversas atividades de promoção comercial, cultural e acadêmica.

Nas atuais circunstâncias, em que o empresariado brasileiro permanece de forma geral com uma postura tímida e acomodada diante dos desafios do mercado da Coreia do Sul, boa parte dos esforços do Setor de Promoção Comercial da Embaixada tem sido dedicada ao atendimento de demandas de pequenas e médias empresas coreanas interessadas em investir no mercado brasileiro, muitas vezes na esteira dos investimentos dos grandes conglomerados coreanos (Hyundai, Samsung, LG etc.), uma vez que aquelas são fornecedoras diretas destes últimos. Esse fenômeno já se observa

claramente na formação de "clusters" de investimento de médias empresas, por exemplo em torno das plantas da Hyundai em Piracicaba-SP e da Doosan Infracore em Americana-SP.

A presença robusta da Coreia do Sul nos números do comércio exterior e dos investimentos estrangeiros diretos no Brasil por si só já deveria fazer deste país prioridade máxima dentro das ações estratégicas de promoção comercial e de investimentos. As peculiaridades da relação bilateral - que incluem atividades em que há transferência de tecnologia de ponta e cooperação acadêmica de alto nível - bem como os persistentes desequilíbrios no âmbito do comércio Brasil-Coreia, tornam ainda mais urgente e estratégico o estreitamento das relações econômico-comerciais entre os dois países, em especial por meio de ações de seguimento à visita da Presidente Park Geun-hye ao Brasil (23-25 de abril de 2015).

O envolvimento das empresas coreanas que investem no Brasil vai muito além do interesse comercial, como se demonstra por sua receptividade em acolher em estágios profissionalizantes os estudantes do programa Ciência sem Fronteiras na Coreia. Ademais, a formação de "joint-ventures" como a fabricante de semi-condutores HT Micron (entre a coreana Hana Micron e Parit Participações, cuja planta, sediada em São Leopoldo-RS, foi inaugurada em 2013), já começa a dar contribuição efetiva para o desenvolvimento econômico nacional, num setor tecnológico em que o Brasil historicamente apresenta sérias deficiências e é parcialmente responsável pelos sucessivos déficits no balanço de transações correntes do País.

A reversão desse quadro exigirá estratégia de médio prazo, prevendo vigorosas iniciativas de promoção comercial, com a realização de missões empresariais, eventos, rodadas de negócios, participação em feiras e elaboração de material promocional especial, adaptado às singularidades culturais do mercado coreano. Será igualmente necessário incrementar a presença física de empresas brasileiras na Coreia.

Entre os mecanismos de concertação ora em funcionamento entre Brasil e Coreia, cabe destacar o Comitê Conjunto de Promoção de Comércio e Investimentos e Cooperação Industrial Brasil-Coreia do Sul, que se tem reunido com periodicidade praticamente anual. A 5ª Reunião do Comitê ocorreu em Seul, em 12/09/2014. Na ocasião, as delegações brasileira e coreana, chefiadas, respectivamente, pelo Secretário-Executivo Adjunto do MDIC, Pedro Wendler, e pelo Vice-Ministro do Comércio, Indústria e Energia (MOTIE), Choi Kyong-lim (que foi Embaixador em Brasília entre 2009 e 2012) trataram de diversos temas das categorias "cooperação industrial" ("smart grid"/"smart communities"; design industrial; padrões; pequenas e médias empresas) e "cooperação em comércio e investimentos" (conceito de "Ombudsman" de investimentos estrangeiros; "paperless trade"; zonas de processamento de exportações no Brasil; defesa comercial) - vide tel 455/2014.

TEMAS AGRÍCOLAS

O principal tema agrícola de interesse brasileiro continua a ser a abertura do mercado sul-coreano para a carne suína do estado de Santa Catarina, assunto que tramita desde 2008. Segundo informações do lado coreano, o processo de abertura estaria hoje na quinta fase (de um total de oito etapas), a qual seria justamente a mais difícil e demorada, pois envolveria uma série de procedimentos burocráticos, que incluem, entre

outros, a análise das respostas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastacimento (MAPA) ao questionário sobre avaliação de risco de importações de carne suína do Brasil, transmitido pela Embaixada à Agência de Quarentena Animal e Vegetal (QIA), em duas partes, em março e abril de 2015. Cabe recordar que o lado coreano utilizou-se, mais de uma vez, do argumento de que a negociação não avança por falta de cooperação da parte brasileira, o que poderia afetar outras futuras negociações para abertura de mercado, favorecendo a procrastinação habitual por parte do lado coreano. Dessa maneira, é crucial que o Itamaraty siga trabalhando em estreita coordenação com o MAPA sobre o tema.

Observe-se que, da América Latina, México e Chile já obtiveram autorização para exportação de carne suína à Coreia. Além daqueles, este país atualmente importa carne suína dos seguintes países: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, EUA, Finlândia, França, Hungria, Irlanda, Países Baixos, Polônia, Reino Unido e Suécia.

Quanto à questão da carne bovina, o tema parece aparentemente dormente, pois a Embaixada não tem recebido informações nem do lado brasileiro nem do coreano. O lado brasileiro possivelmente se desinteressou do processo em razão de empresas como a JBS/Friboi já exportarem da Austrália para a Coreia por meio de suas empresas subsidiárias naquele país.

ECONOMIA

Em 2009, a Coreia do Sul estava envidando esforços para retomar seu dinamismo, após a crise financeira do ano anterior. A forma eleita para se reerguer foi a aposta do governo no aprofundamento do conhecimento e a aplicação de tecnologia, mediante a definição de 17 motores de crescimento, indústrias com altíssimo grau de avanço tecnológico. Na ocasião, a Coreia beneficiou-se fortemente de três fatores externos que acabaram por favorecer suas exportações: baixa taxa de câmbio em relação ao dólar, baixo preço do petróleo e baixos juros. A combinação desses fatores externos com a primazia dada às indústrias de maior grau tecnológico possibilitou à Coreia gerenciar de forma adequada o impacto da crise global sobre sua economia, chegando a se destacar como um dos primeiros países a serem considerados "fora da crise financeira" pela OCDE em 2010.

Ainda assim, o cenário de depressão econômica verificado no período alertou as autoridades sul-coreanas para a vulnerabilidade de sua economia às flutuações do mercado mundial. Isso ocorre porque, tendo sua economia reduzido mercado interno, ela depende crucialmente de mercados externos com bom poder aquisitivo. Como resposta, a partir de 2010, as medidas econômicas tomadas pelo governo iam além do tradicional apoio aos exportadores, abordando também ações para aumentar a demanda interna, com a geração de postos de trabalho e apoio ao setor de serviços.

O ano de 2014 foi marcado por uma drástica e prolongada supressão da demanda interna, em consequência do sentimento de luto que se seguiu ao acidente com a balsa Sewol (que afundou em abril, matando mais de 300 pessoas, a maioria das quais eram jovens estudantes). Esse episódio teve grande impacto econômico, uma vez que mesmo após seis meses da tragédia, o sentimento dos consumidores e das empresas não havia mudado muito, a despeito dos incentivos governamentais.

Apesar de uma modesta recuperação da demanda doméstica no primeiro trimestre de 2015, ela sofreu nova grave contração desde maio deste ano, em resposta ao surto de Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS, na sigla em inglês) que atingiu o país entre maio e agosto do corrente, reduzindo o fluxo de turistas estrangeiros e diminuindo a disposição de consumir da população local.

Ademais dessa diminuição do consumo, a economia sul-coreana também vem apresentando queda nos números relativos às exportações, em grande medida ainda como decorrência da crise mundial, que causou grave contração da demanda externa, principalmente dos Estados Unidos e da Europa. Outros fatores externos, no entanto, contribuíram para a queda das exportações, como a desaceleração da economia chinesa e a desvalorização do iene. Apurou-se que, no primeiro semestre de 2015, o nível de exportações tenha sido 10,1% menor do que no mesmo período de 2014.

A conjunção da queda das exportações e do consumo interno tem gerado temores de que o país venha a enfrentar um cenário recessivo que poderia prolongar-se por anos. Para evitar isso, a recuperação do dinamismo econômico da Coreia tem sido declarada como a prioridade do governo. Diversas medidas têm sido tomadas para fomentar o consumo e o investimento, como as sucessivas reduções da taxa básica de juros (que atingiu seu recorde de 1,5% ao ano em junho último) e a aprovação de um pacote de estímulo no valor de 22 trilhões de won (cerca de US\$ 20 bi) como tentativa de absorver os impactos do surto de MERS na economia.

Após a notícia de que a Coreia apresentou crescimento inferior a 3% pelo terceiro ano consecutivo em 2014, a Presidente Park Geun-hye classificou 2015 como "um momento de ouro para concentrar os esforços nacionais para a recuperação da economia e o aprimoramento da inovação". A grande aposta da Coreia do Sul é na "Inovação Econômica", no âmbito do "Plano de três anos" lançado por Park com o propósito de revitalizar as indústrias criativas como forma de permitir a retomada econômica. Nas palavras da Presidente, "a economia criativa que buscamos construir nos próximos 3 anos formará a base do crescimento econômico da Coreia para os próximos 30 anos", em busca do "Segundo Milagre do Rio Han".

Existem, no entanto, alguns importantes desafios que a Coreia deverá enfrentar nos próximos anos para manter seu crescimento econômico. O primeiro deles é o alto patamar em que se encontram o endividamento familiar, corporativo e governamental (com relação dívida/PIB superando o nível considerado "crítico" pelo Fórum Econômico Mundial nas três categorias). Outra preocupação constante do governo sul-coreano é a iminente diminuição da população economicamente ativa (PEA), consequência imediata do fenômeno de envelhecimento populacional (estima-se que no próximo ano seja atingido o ápice da PEA, para a partir de 2017 ter início seu declínio).

Há, ainda, outro fator determinante para a definição das políticas econômicas de Seul que é a escassez de recursos naturais. Como tentativa de contornar essa questão, uma das prioridades externas é acessar insumos e energia por meio de uma ativa diplomacia comercial e do aprofundamento de laços de cooperação com países da África, Ásia Central, Oriente Médio e América Latina. A assinatura de Acordos de Livre Comércio (ALC's) também segue essa lógica.

A Coreia do Sul vê na multiplicação de acordos de livre comércio sua "estratégia central" para ampliar o "território econômico", nas palavras do ex-Presidente Lee Myung-bak. De fato, o país tem, desde o início dos anos 2000, buscado novos acordos de maneira quase indiscriminada, com parceiros de todas as regiões e graus de desenvolvimento. A avaliação oficial coreana é de que esse tipo de acordo garante acesso a recursos naturais, bem como provê mercado consumidor para os exportadores coreanos, sobretudo os grandes grupos empresariais manufatureiros. Os ALC's ampliam o território econômico sul-coreano e servem como força propulsora do crescimento do país, ainda altamente dependente de seu setor exportador.

Atualmente, a Coreia tem pactos liberalizantes com Chile, Cingapura, ASEAN, Índia, União Europeia, Associação Europeia de Livre Comércio, Peru, Estados Unidos, Austrália, Canadá, Nova Zelândia, China, Colômbia, Turquia e Vietnã. Estão em negociação ALC's com México, Conselho de Cooperação do Golfo, Indonésia, Equador, Japão e trilateral Coreia-China-Japão. Entre os quatro acordos que o país intenta negociar, estão ALC's com Mercosul, Israel, países da América Central e Malásia.

Essa política permitiu à Coreia ser o primeiro país no mundo a ter ALC's com os 3 maiores atores econômicos mundiais (Estados Unidos, União Europeia e China), bem como garantiu acesso preferencial ao mercado de seus mais importantes parceiros comerciais, cerca de 73,5% do PIB mundial. Apesar dos ganhos econômicos trazidos com os ALCs, sua importância está longe de ser unanimemente apreciada na sociedade sul-coreana. De forma geral, a assinatura desse tipo de pacto é benéfica para os grandes grupos empresariais exportadores de manufaturados, uma vez que esses acordos tornam seus produtos mais competitivos, ao desonerá-los de taxas. Por outro lado, os setores agropecuário e pesqueiro sofrem com essa política, visto que a maior parte da sua produção não pode competir com os preços desonerados de produtos importados.

Para evitar causar danos a esses setores, Seul tem adotado a política de excluir do processo de abertura comercial os itens vistos como sensíveis pelo lado sul-coreano (tradicionalmente arroz, alho, gergelim, alguns tipos de peixes, além de carnes bovina e suína). Esse processo ratifica a visão de que, para a Coreia do Sul, interessa abrir ao máximo o comércio de produtos industrializados, mantendo ao mínimo a abertura do setor agrícola, percepção que é o principal entrave para a negociação do ALC com o Mercosul.

CIÊNCIA, TECNOLOGIA & INOVAÇÃO

A cooperação em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) constitui ponto fundamental da agenda bilateral, com grande potencial em setores de alta tecnologia. Quando cheguei a Seul, em 2009, notei que aumentava significativamente o interesse de Brasil e Coreia em cooperação na área de tecnologia industrial. Do lado brasileiro, havia interesse em investimentos das empresas coreanas que se especializam na área tecnológica, enquanto a Coreia buscava fortalecer a relação com o Brasil, economia emergente detentora do maior mercado da América do Sul.

No período de minha gestão, ocorreu a primeira reunião da Comissão Mista de Ciência e Tecnologia aconteceu em Seul em agosto de 2011, abrindo caminho para uma nova fase na relação bilateral entre os mais avançados institutos de pesquisa dos dois

países. Na reunião, foram definidas como áreas prioritárias de cooperação: TICs, nanotecnologia, prevenção de catástrofes naturais e biotecnologia. Quase três anos depois, em 25 de abril de 2014, realizou-se a segunda reunião da Comissão Mista, em Brasília.

Outros importantes marcos da cooperação bilateral em CT&I durante o período em que estive à frente da Embaixada foram:

a) a formação da HT Micron, joint venture entre a empresa brasileira Parit Participações S/A e a empresa sul-coreana Hana Micron, especializada em encapsulamento de semicondutores. A fábrica, inaugurada em outubro de 2013, passou a produzir chips em junho de 2014.

b) negociações para assinatura de um acordo de cooperação em governo eletrônico. O governo coreano oferece softwares para a implementação de sistemas de governo eletrônico a países em desenvolvimento, bem como consultoria e treinamento para técnicos locais responsáveis pela operação e manutenção dos sistemas - programas que contaram com a participação de funcionários públicos brasileiros nos últimos anos.

c) abertura de laboratório da EMBRAPA em Seul, bem como de sua homóloga coreana ("Rural Development Administration" - RDA) em Brasília.

d) assinatura de Memorandos de Entendimento para cooperação técnica do Inmetro e com o Korea Research Institute of Standards and Science (KRISS), com a Korean Agency for Technology and Standards (KATS) e com o Korea Testing & Research Institute (KTR), em 2011, 2012 e 2014, respectivamente.

e) a SOFTEX (Associação para Promoção da Excelência do Software Brasileiro, que reúne produtores brasileiros de software) avalia o estabelecimento de joint ventures, na área de software, entre empresas brasileiras e sul-coreanas.

COOPERAÇÃO EDUCACIONAL

O lançamento do Programa Ciência sem Fronteiras foi determinante para um salto na cooperação acadêmica entre Brasil e Coreia, aumentando significativamente o número de estudantes brasileiros no país. Desde 2012, a Coreia figura como um dos destinos mais destacados do Programa contando com histórico de 449 estudantes brasileiros no rol de alunos que participaram do Programa em 16 das melhores universidades coreanas. O apoio dado pelo Setor de Educação passa por estreita colaboração com a instituição parceira responsável na Coreia, a Korea Foundation for the Promotion of Private Education (KFPP) e o apoio financeiro para bolsas de estudo oferecido por companhias coreanas como a Hyundai Motor Group e a POSCO, em um montante de US\$ 1,8 milhão até 2014.

O carro-chefe do Ciência sem Fronteiras na Coreia do Sul é a ampla oferta de oportunidades de estágio durante as férias. Além de frequentar as aulas durante o semestre, o aluno de graduação participa de atividades em empresas parceiras do programa por dois períodos de dois meses (janeiro a fevereiro e julho a agosto), sendo a Coreia o único país participante do Programa a oferecer estágios em empresas para praticamente todos os alunos brasileiros. O crescente número de empresas participantes

possibilita uma sinergia maior com o Setor Comercial da Embaixada em termos de relacionamento e atração de investimentos para o Brasil, especialmente com pequenas e médias empresas de alta tecnologia.

Outro destaque do CSF Coreia é o acompanhamento oferecido pela Setor Educacional e pela KFPP, que inclui:

- a) Encontro de Orientação (logo após a chegada dos estudantes) que trata de aspectos práticos da vida na Coreia, incluindo seguro-saúde, regras de etiqueta e apresentação ao grupo de estudantes brasileiros no país.
- b) Oficina de Preparação para o Programa de Estágios (antes do início do período de candidatura), ocasião em que os alunos recebem orientações individuais sobre como preparar currículo e demais documentos necessários para a candidatura, além de dicas práticas de como se portar no ambiente profissional coreano.
- c) Entrevistas de avaliação do Programa, realizadas semestralmente com todos os alunos.
- d) Comunicação Online, por um grupo no "Facebook" reunindo todos os alunos e ex-alunos do Programa, e por aplicativos de mensagens instantâneas, como o KakaoTalk, como forma de contatar os alunos imediatamente e transmitir informações importantes.
- e) Linha direta emergencial, para oferecer apoio aos alunos em caso de emergência médica. Desde seu estabelecimento, em 2013, 27 alunos hospitalizados receberam esse atendimento.
- f) Como complemento às atividades acadêmicas, o Setor Educacional da Embaixada oferece uma programação semestral de eventos e palestras, como o Concurso de Idéias e Inovação "Soluções Coreanas, Desafios Brasileiros" para Estudantes Brasileiros na Coreia do Sul; o Concurso de Ensaios para Estudantes Brasileiros na Coreia do Sul; e o Laboratório Estudar Seul, um workshop que visa a motivar jovens de alto potencial para enfrentar desafios em suas carreiras.

O maior desafio do Programa Ciência sem Fronteiras tem sido a falta de iniciativa das instituições coreanas parceiras para a promoção de oportunidades de pós-graduação na Coreia do Sul. 99% dos alunos brasileiros que estudaram na Coreia por meio do CSF são estudantes de graduação, que reconhecidamente produzem resultados pouco relevantes em termos científicos quando de seu retorno ao Brasil. A impressão é que a importância dada pelo Brasil ao CSF Coreia como esforço chave na aproximação dos dois países não é compartilhada pela contraparte coreana.

SETOR CULTURAL

A crescente importância do Brasil no cenário internacional e grandes celebrações como o cinquentenário das relações diplomáticas Brasil-Coreia do Sul, cinquentenário da imigração coreana para Brasil e a Copa do Mundo de 2014 fizeram com que o interesse dos coreanos pelo Brasil aumentasse significativamente nos últimos anos.

Durante minha gestão a Embaixada realizou diversos eventos culturais e formou importantes parcerias que possibilitaram uma maior divulgação da cultura brasileira entre o público coreano. Concertos de música; festivais de cinema; exposições de arte, de fotografia e de grafite; eventos culinários com "chefs" brasileiros; participação em feiras e festivais de nações; concursos de língua portuguesa; publicações sobre o Brasil em coreano; participação em bazares beneficentes dentre outras iniciativas, foram constantes nesses anos.

SETOR CONSULAR

Sob minha gestão, entre abril de 2009 e agosto de 2015, o Setor Consular desta Embaixada verificou expressivo crescimento da demanda por serviços consulares, em virtude não só do incremento da comunidade brasileira, mas também, e principalmente, dos substanciais investimentos de empresas coreanas no Brasil. Esta Missão tem se mantido, desde minha assunção, constantemente no quartil superior da lista de Postos com maior produção consular, apesar de o Setor contar apenas com duas funcionárias locais e um servidor do quadro. Tal condição, apesar do desafio que impõe aos funcionários do Setor, traz-me grande satisfação, pois é sintomática do sólido crescimento verificado nos últimos anos nas diversas searas da relação bilateral entre o Brasil e a República da Coreia.

O estabelecimento de dois Consulados-Honorários, em Busan e em Incheon, também garantiram expansão e representatividade da atuação consular brasileira pelo território peninsular. O Consulado Honorário do Brasil em Busan foi instituído por portaria de 1º de fevereiro de 2011, sendo chefiado pela cidadã sul-coreana Hyun Jeong-eun, CEO do Grupo Hyundai e cujo mandato foi renovado no ano em curso. O escritório de Busan presta importante serviço de entrega de documentos consulares, sem custos adicionais, para os brasileiros residentes na região, distante 400 quilômetros da capital. Já o Consulado Honorário do Brasil em Incheon, onde se localiza o principal aeroporto do país, foi instituído por portaria de 12 de dezembro de 2011. O Cônsul Honorário é o cidadão sul-coreano Choi Shin-won.